

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

A recepção da psicanálise na França: de Charcot ao freudismo de Régis e Hesnard¹

The reception of psychoanalysis in France: from Charcot to Régis and Hesnard's freudism

La recepción del psicoanálisis en Francia: de Charcot al freudismo de Régis y Hesnard

Rafael Eduardo Franco² & José Francisco Miguel Henriques Bairrão³

¹ O trabalho baseia-se na monografia de conclusão de curso, “A Difusão da Psicanálise na França e o Surrealismo: A Influência de André Breton sobre o Retorno a Freud”, desenvolvida junto à especialização em Teoria Psicanalítica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-Cogea). Ele também é resultante da tese de doutorado em Psicologia, “O Retorno a Freud: Jacques Lacan, um Leitor de André Breton?”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP).

² Universidade de São Paulo. E-mail: rafael.e.franco@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3317-0244>

³ Universidade de São Paulo. E-mail: bairrao@usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6372-8873>

*Informações do Artigo:**Rafael Eduardo Franco*rafael.e.franco@gmail.com*Recebido em: 18/09/2022**Aceito em: 17/06/2023***RESUMO**

Revisita-se o processo de difusão da psicanálise na França. A partir de um recorte histórico, o texto abarca o período pré-psicanalítico da teoria psicanalítica – em que Freud atua como aluno de Charcot –, perpassa a querela estabelecida entre Freud e Janet – sobre a descoberta do inconsciente –, e encerra-se com o processo de difusão do freudismo na França, a partir dos trabalhos de Régis e Hesnard. A partir dessa perspectiva, o texto complementa os estudos de História da Psicanálise, oferecendo uma síntese sobre pontos nevralgicos do desenvolvimento da teoria freudiana na França.

PALAVRAS-CHAVE:

Freudismo; Psicanálise; História da Psicanálise; França; Sigmund Freud.

ABSTRACT

The present work revisits the process of diffusion of Psychoanalysis in France. The text covers the psychoanalytic theory within the historical context of the pre-psychoanalytic period – in which Freud is a student of Charcot –, goes through the quarrel established between Freud and Janet – regarding the discovery of the unconscious –, and ends with the process of diffusion of Freudism in France, with the works of Régis and Hesnard. From perspective, the text complements the studies on the History of Psychoanalysis, as it offers a synthesis on neuralgic points of the development of Freudian theory in France.

KEYWORDS:

Freudism; Psychoanalysis; History of psychoanalysis; France; Sigmund Freud.

RESUMEN

El presente trabajo revisita la difusión del psicoanálisis en Francia. A partir de un recorte histórico, el texto contempla el período pre psicoanalítico de la teoría psicoanalítica – en el que Freud se desempeña como alumno de Charcot –, pasando por la disputa entablada entre Freud y Janet – en lo que se refiere al descubrimiento del inconsciente –, y finaliza con la difusión del freudismo en Francia, a partir de Régis y Hesnard. Desde esta perspectiva, el texto complementa los estudios de Historia del Psicoanálisis, ofreciendo una síntesis sobre los puntos neurálgicos del desarrollo de la teoría freudiana en Francia.

PALABRAS CLAVE:

Freudismo; Psicoanálisis; Historia del Psicoanálisis; Francia; Sigmund Freud.

Quando olhamos o texto *Um Estudo Autobiográfico* de Freud (1925/1977), encontramos um relato interessante: sua confissão pelo desinteresse em disciplinas estritamente médicas durante o seu período de graduação em medicina, com exceção da área da psiquiatria. Quando recebe seu título de doutor em ciências médicas, em 1881, Freud ingressa no campo de formação não pela clínica, mas no laboratório de Ernst Brücke, respeitado fisiologista germânico (Roudinesco, 1986). No entanto, as necessidades financeiras e materiais vieram bater à porta de Freud, e seu mestre Brücke aconselha-o, um ano depois de seus estudos teóricos no laboratório, a abandonar os estudos e investir na clínica. E é assim que Freud chega ao Hospital Geral de Viena para dar início à prática médica.

Nesse momento, Freud decide voltar sua atenção para o estudo das doenças nervosas, mas, conforme lemos em suas memórias, os pacientes em condição de doenças nervosas não gozavam de atenção adequada neste hospital, devido ao fato de não haver um professor que se ocupasse do tratamento desses pacientes. Freud não tinha, até agora, um mestre que pudesse guiá-lo na investigação de seu objeto de interesse. Mas se Viena carecia de estudiosos das doenças nervosas, sendo o seu forte o campo da anatomia cerebral, sob o comando de Theodor Meynert, a França comemorava os estudos da neuropatologia, com destaque para Jean-Martin Charcot (Roudinesco, 1986). A proximidade com este professor modifica sobremaneira o caminho do trabalho freudiano, que se desdobra das pesquisas predominantemente anatômicas para o caminho da investigação clínica.

O jovem Freud, no outono de 1885, embarca em uma viagem à França para desfrutar de uma bolsa de estudos que ganhara para estudar com Charcot na *Salpêtrière*. Ao que podemos inferir dos escritos iniciais de Freud, a estadia de seis meses, entre 1885 e 1886, deixa marcas que levam algum tempo para desaparecer do pensamento freudiano (Roudinesco, 1986). Intensamente interessado em hipnose na época, Freud encontra em Charcot o referencial necessário para aprimorar sua própria técnica. O mestre parisiense, embora dedicado e aplicado a vários âmbitos do campo da medicina, encontra no fenômeno da histeria seu reconhecimento e prestígio como médico. Especificamente, é o seu método de observação e descrição metódica, que toma emprestado da neurologia, que lhe confere notória distinção nos estudos e propostas de tratamento para ataques histéricos.

Esse encontro com Charcot modifica o olhar profissional de Freud com relação à experiência clínica. Charcot era conhecido por suas aulas demonstrativas, nas quais, por via hipnótica, era capaz de produzir em suas pacientes histéricas paralisias e contraturas, visando a demonstrar a veracidade de sintomas da histeria. Vale lembrar que, nesta época, histéricas

não eram consideradas pacientes dignas de atenção por desafiarem o saber médico apoiado na fisiologia e anatomia. Seus sintomas e dores escapavam da possibilidade de um diagnóstico por tais vias e, conseqüentemente, eram tidas como mentirosas dissimuladas.

O mestre parisiense legou a Freud algo de que ele jamais se afastou: a clínica deveria guiar as investigações e teorias científicas, não o contrário. Sobre isso, Freud comenta um momento curioso durante uma das aulas de Charcot: o médico produzira um sintoma histérico que causara veemente espanto em sua plateia. Então, alguém se levanta para interpelar Charcot dizendo que a demonstração estava em profundo desacordo com as recentes descobertas teóricas do funcionamento da histeria. E neste momento, Charcot diz: “A teoria é boa, mas não impede que o fato clínico exista”⁴ (Freud, 1893/1977, p. 23, tradução nossa) “

A relação entre Freud e Charcot pode ser pensada como uma relação de sucesso acadêmico, em que pese o sucesso ser compreendido, no que estamos tratando, como a criação de um sistema novo e singular. Costa e Khupfer (2016, p. 72) argumentam que é:

. . . a partir da fascinação por Charcot, e principalmente a partir do que ele deixava como domínio a ser explorado, que Freud foi capaz de se opor ao grande médico francês, e conseqüentemente produzir algo novo: a psicanálise. . . . Além disso, podem-se verificar algumas heranças que Charcot, apesar dele mesmo, lega ao homem Freud. Em outras palavras, Charcot transmitiu algo que efetivamente não sabia. Contudo, para permanecer em sua busca por algo novo, Freud necessitou de outras sustentações para além de seu mestre.

A experiência com as aulas e o estágio com Charcot abrem para Freud a possibilidade da histeria como uma seara profícua de investigação e aprimoram sua relação com o método

⁴ “ La théorie, c’est bon, mais ça n’empêche pas d’exister” (Freud, 1893/1977, p. 23).

hipnótico. Em contrapartida, se Freud encantou-se pelo pensamento charcotiano e sua terapêutica, é àquilo que existe de mais soturno no discurso de Charcot que Freud se dedicará, isto é, ele se volta para o que seu mestre não reconhecia como valoroso ou digno de verdadeira investigação científica. Neste sentido, não há dúvidas sobre a influência de Charcot sobre Freud neste período. Mas em que medida a dinâmica dessa relação entre mestre e aluno, de fato, legou a Freud um caminho para a invenção da psicanálise? O que percebemos é que Charcot, ao inserir-se como professor universitário, desperta em Freud a curiosidade sobre facetas do conhecimento que seriam fundamentais para este construir um caminho teórico e clínico próprios. É a partir dos impasses das teorias de Charcot que Freud poderia assentar seu desejo por destaque e descoberta de algo novo.

Apesar do fascínio de Freud pelo ensino de Charcot ser uma questão importante em seu desenvolvimento, e reconhecendo, ele mesmo, que o mestre havia lhe transmitido saberes que não possuía, é na oposição a alguns ensinamentos que Freud debruça-se para identificar faltas no saber charcotiano, especialmente motivado por descobrir uma nova teoria que pudesse dar conta do pandemônio nosográfico que comandava o tratamento histérico.

Charcot recupera a dignidade dos pacientes histéricos, em maioria mulheres, ao defender que não se trata de simulação e fingimento, mas suas explicações acerca da etiologia da histeria despertavam em Freud profundos questionamentos. O professor Charcot contentava-se com a explicação de que a etiologia histérica devia-se a fatores hereditários e genéticos, com traços de degeneração, mas é esse discurso que decepciona Freud a tal ponto que ele dá para si a tarefa de lançar outro olhar para os escritos de Charcot, buscando traçar uma explicação psicológica para os fenômenos histéricos. A resposta freudiana à insatisfação com as ideias de Charcot o conduz às reflexões acerca da influência sexual nos distúrbios verificados nas histéricas. Não é nenhum segredo que este caminho de investigação resultou

em profundo desagrado da comunidade médica e acadêmica de sua época. A descoberta da *coisa sexual* leva, segundo a historiografia oficial, Freud a romper com Charcot, mas também com Joseph Breuer, seu amigo e parceiro de pesquisa. Parece-nos que o reconhecimento da temática sexual na sintomatologia histérica deva-se mais ao fato da incorporação teórica de um fenômeno já observado – mas repudiado por seus predecessores – do que efetivamente a uma oposição total a algo inédito e nunca observado. A mudança que se efetiva parece ser mais da postura de Freud diante de algo já há muito tempo conhecido por seus colegas de profissão: há um sentido sexual na etiologia da histeria, mas o campo médico censurava a admissão desse saber. E é retirando essa censura, pondo claramente o que se mantinha encoberto para dar a este fenômeno um estatuto teórico, que Freud avança. Sobre isso, Roudinesco (1986, p. 26) comenta que Freud:

A posteriori, reconstituiu certas declarações de Breuer sobre as relações secretas da histeria com o leito conjugal. Mas recordou também as colocações que Charcot formulara diante dele a seu assistente Brouardel, em 1886, a propósito do impacto da coisa genital: No que me concerne, escreveu ele, eu observaria que não tinha nenhuma ideia preconcebida no tocante à importância do fator sexual na etiologia da histeria. Os dois pesquisadores de quem eu era aluno quando comecei a estudar esse assunto, Charcot e Breuer, estavam bem longe de tal suposição; ao contrário, tinham uma repugnância pessoal por essa ideia, que a princípio me inspirou os mesmos sentimentos.

Entretanto, sabe-se, segundo Ellenberger (1970), que, para além dessas indicações da historiografia da psicanálise, a ruptura promovida, neste momento, entre Freud e Breuer não se restringe apenas à questão da sexualidade e por oposição às teorias sexuais, mas também por discordar da tese da teoria da sedução sexual. Com Charcot, pode-se dizer que a diferença

está fundamentalmente em uma concepção da teoria separada do plano da consciência e uma clínica a serviço da escuta.

Então Freud começa a abandonar gradualmente a técnica hipnótica e, conseqüentemente, o método catártico, quando se vale da técnica fundamental da psicanálise: a associação livre (*Einfall*). Aqui começamos a ver especificamente o nascimento da psicanálise com suas técnicas. Freud incentiva seus pacientes, ao deitarem-se no divã, a falarem tudo como vem ao pensamento. E nessas falas, muitas vezes tidas como desconexas e dissociadas de uma realidade objetiva e concreta, Freud vai se deparar com lembranças de conteúdos eróticos implicados nelas. Nesse percurso, Freud percebe o caráter da fantasia presente na fala de seus pacientes: é possível que as cenas narradas tenham realmente acontecido? Se não, como pensar seu surgimento no discurso do paciente e para que essas cenas se formam? Essa é uma das problemáticas que marcam o período de autoanálise de Freud, a partir de 1897, verificado em suas correspondências com Wilhelm Fliess. Nesse mesmo ano, Freud escreve a Fliess apresentando uma de suas apostas teóricas: o fenômeno das fantasias histéricas teria o mesmo funcionamento da ficção e criação artística e literária: “quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontando lentamente em mim, nestes últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica (teoria das neuroses)” (Freud, 1897/1986, p. 265). Diante dessa constatação, precisamos compreender em que medida Freud realmente faz equivaler o funcionamento psíquico psicopatológico ao mecanismo de ficção e escrita.

Em seu *Um Estudo Autobiográfico* (1925/1977), Freud credita a Pierre Janet a antecipação de algumas descobertas que ele e Breuer observaram no tratamento de pacientes histéricas com a utilização do método catártico. O receio de não ser o primeiro a dar as descrições dos fenômenos inconscientes para os mecanismos histéricos teria sido um dos motivos que fizeram com que Breuer concordasse em publicar o texto de 1893, “Comunicação

Preliminar”, isto é, mais de dez anos após o término do tratamento de Anna O. Dentre as declarações de Janet, Freud chama a atenção para o fato de já existir uma investigação da sintomatologia histérica a partir de eventos da história do paciente e, possivelmente, sua eliminação pela via hipnótica.

Janet, em sua tese de filosofia sobre o automatismo psicológico, em 1889, argumenta que os sintomas de fragmentação da personalidade do indivíduo têm sua gênese no conteúdo mental inconsciente. Neste momento, Freud apresenta certa preocupação de que Janet estivesse próximo demais das descobertas que ele e Breuer já haviam empreendido. No entanto, em uma carta a Fliess de 10 de março de 1898, Freud confessa que leu *Hystérie et idées fixes*, de Pierre Janet, com muita ansiedade e, ao terminar a leitura, abandonou o livro com um certo alívio em seu peito (Roudinesco, 1986). Temos aqui uma diferença de 10 anos. Afinal, Janet não havia compreendido, ainda, o que Freud parecia estar em vias de anunciar. Apesar disso, um intenso clima de rivalidade é estabelecido entre esses dois nomes da história da psicologia: Freud e Janet. Ao que temos indícios, Freud mantinha Janet sob constante vigilância, pelo seu caráter ameaçador, mesmo que seu rival nunca se aproximasse substancialmente dos conceitos fundamentais da teoria freudiana. A problemática da natureza dos mecanismos inconscientes dos neuróticos, bem como uma possível intervenção adequada e efetiva para tratar esses sujeitos, e, ainda, o prestígio e a quem seria tributado o crédito por essas descobertas, fizeram com que Freud e Janet permanecessem rivais na história. Mas duas questões colocam-se neste ponto de nosso trabalho: Quem foi Janet? E em que medida seu trabalho aproxima-se e afasta-se da teoria freudiana sobre o inconsciente dinâmico? A tese de Roudinesco é a de que o atraso da chegada da psicanálise na França é devido à forte presença de Janet.

A Recepção da Psicanálise na França

Em 1859, nasce Pierre Janet na cidade de Paris (Roudinesco, 1986). Descendente de católicos, em sua juventude, Pierre Janet decide estudar filosofia. Aos vinte anos, ingressa na *École Normale Supérieure* na mesma turma que Émile Durkheim, fundador da sociologia, uma turma depois de Henri Bergson, com quem estabeleceu um forte vínculo pessoal e intelectual que se estendeu por toda a vida. Em 1882, gradua-se em filosofia e é nomeado professor no liceu da cidade de *Châteauroux* (Roudinesco, 1986). No mesmo ano, discursa na *Académie des Sciences* com argumentos que visavam a legitimar o tratamento hipnótico com bases científicas. Seis meses após sua nomeação em *Châteauroux*, em 1883, Janet começa a ensinar filosofia no liceu de *Havre* (Roudinesco, 1986). Nessa cidade, seu interesse pela psiquiatria dos reconhecidos médicos Gilbert e Powilewicz leva-o a estudar de maneira sistemática os fenômenos do sonambulismo, dos transtornos de personalidades múltiplas etc. Sua ambição, neste momento, era defender uma tese de doutoramento que tratasse das relações entre as alucinações e a percepção. Suas primeiras pacientes, Léonie, Marie-Rose e Lucie, deram-lhe histórias que, ao tornarem-se estudos clínicos, transformaram-se em um material clássico da literatura psicológica (Roudinesco, 1986).

As primeiras investigações de Janet eram focadas no que ele descrevia como formas de vida mental inferiores, isto é, fenômenos como sonhos, instintos, catalepsia, paixões, sonambulismo etc. Aqui vemos o início do que viria a ser a sua teoria do automatismo psicológico, originalmente pensada para descrever fenômenos amnésicos observados nos quadros histéricos de transtornos de personalidade. No final do ano de 1885, o tio de Pierre, Paul Janet, apresenta o caso de Léonie para a sociedade psicológica de Paris, isto é, Paul Janet coloca os relatos de seu sobrinho Pierre para uma das mais respeitadas comunidades científicas da época (Roudinesco, 1986). O caso de Léonie chama a atenção da comunidade pelo fato de

tratar-se de uma pessoa que era capaz de ser hipnotizada a distância, bem como o fato de a paciente demonstrar habilidades tidas como mediúnicas (clarividência) ao ser hipnotizada. Esta comunicação fez até Charcot, um dos membros da plateia, ficar impressionado.

Ao final do primeiro semestre de 1889, Janet defende sua tese de filosofia, tendo como apresentação o seu conceito de automatismo psíquico (Roudinesco, 1986). Este conceito, que colocaria Janet e Freud constantemente em lados opostos, visava a abranger os estados mentais perturbados que podem ser observados na histeria, sonambulismo e outros. Em sua tese, Janet anunciava que os fenômenos de desdobramento da consciência observados em estados histéricos seriam derivados de *ideias fixas inconscientes*, com sua origem em eventos traumáticos. Logo, os surtos de pacientes histéricos poderiam ser explicados, a partir deste conceito de automatismo psíquico, como uma espécie de reprodução automática dos acontecimentos da cena traumática, penetrando de maneira autônoma na personalidade do paciente. Janet concebia teoricamente a personalidade dividida em duas instâncias:

- 1) uma instância que produz a síntese do que foi vivido e organiza a dinâmica do presente; no momento em que, pela primeira vez, um ser rudimentar reuniu fenômenos para deles fazer uma sensação vaga de dor, houve uma verdadeira criação no mundo. Essa criação se repete em cada novo ser que consegue formar uma consciência desse gênero, pois, na verdade, a consciência desse ser que acaba de nascer não existia no mundo e parece surgir do nada. Portanto, por si mesma, e desde seus primórdios, a consciência é mesmo uma atividade de síntese. . . . As pequenas sínteses elementares insistentemente repetidas tornam-se elementos de outras sínteses superiores. Por serem mais complexas, essas novas sínteses são bem mais variadas que as anteriores, e, embora continuem sendo unidades, são unidades cujas qualidades diferem entre si. . . .

Algumas mentes vão mais longe e sintetizam essas percepções em juízos, em ideias gerais, em concepções artísticas, morais ou científicas (Janet, 1889/2008, p. 311).

2) uma instância que organiza as experiências do passado; há na mente humana, entretanto, uma segunda atividade para a qual não consigo achar um nome melhor do que atividade *conservadora*. Uma vez construídas, as sínteses não se destroem; duram, conservam sua unidade, guardam seus elementos arrumados na ordem em que foram ajeitados. . . . Mais ainda, se a síntese precedentemente realizada não se deu por completo, se na mente existem apenas alguns de seus elementos, essa atividade conservadora vai completá-la, acrescentando os elementos ausentes na ordem e no modo necessários para reconstituir o todo primitivo. Do mesmo modo que a atividade precedente tendia a criar, esta tende a conservar, a repetir. A maior manifestação da primeira era a síntese, o grande caráter desta é a associação de ideias e a memória. É a contraparte mental da grande lei da mecânica que é a conservação da força. Ora, essa lei reza que todo móvel persevera em seu movimento, enquanto outra força não o desviar, e segue sempre a linha de menor resistência. Na mente da criança, uma primeira experiência associou a queimadura à chama e produziu assim certa direção tanto do pensamento como da ação; temos assim, a favor da direção chama-queimadura, uma força positiva e nenhuma outra em sentido contrário (Janet, 1889/2008, p. 312).

Essas instâncias, em condições apropriadamente reguladas, funcionariam de forma integrada e harmoniosamente. No entanto, o que Janet argumenta ao apresentar sua tese é que alguns estados do tipo histérico (amnésia e anestesia), ou de personalidades múltiplas, evidenciam uma espécie de rompimento entre as instâncias psíquicas da personalidade, reduzindo a capacidade de síntese que deveria manter o eu com sua aparente unidade. Assim

sendo, Janet nos fala de uma *seconde conscience*, intrínseca ao funcionamento mental normal e cheia de memórias, representações, imagens e sentidos, tão poderosa que seria capaz de determinar, a despeito da consciência imediata, a própria dinâmica do sujeito. Em seu trabalho, Janet utiliza o termo *inconsciente* para designar estes processos mentais, todavia o faz em um sentido mais descritivo do que dinâmico, como fará Freud: “entende-se por ato inconsciente uma ação tendo as características de um fato psicológico menos uma, que ela é ignorada pela pessoa que a executa no momento mesmo que esta a executa” (Janet, 1889/2008, p. 8). Apenas alguns anos mais tarde, com a difusão das ideias freudianas elaboradas concomitantemente às ideias de Janet, ele passará a utilizar o termo *subconsciente* para referir-se a estes fenômenos, mesmo que o termo já estivesse destacado no seu trabalho sobre automatismo psíquico.

O sucesso de sua tese confere a Janet imediato prestígio e reconhecimento. Ele inicia seu curso de medicina em novembro de 1889, em Paris, e logo Charcot cria para ele o Laboratório de Psicologia Experimental, na *Salpêtrière* (Roudinesco, 1986). Nesse laboratório, Janet passa a investigar os processos mentais da histeria. É em 1893 que Janet apresenta sua tese intitulada *O estado mental das histéricas (estigmas e acidentes mentais)* para uma banca em que estavam presentes Charcot e Charles Richet, um eminente fisiologista (Roudinesco, 1986). Janet argumenta sobre um entendimento psicológico da psicopatologia da histeria, no qual defende que essa afecção poderia receber tratamento adequado por vias da psicoterapia.

Para Janet, as perturbações histéricas derivavam de um fenômeno que ele determina como estreitamento do campo da consciência ou da emergência de estados hipnoides. Nesses estados, a personalidade tende a perder sua capacidade de manter a coesão interna e alguns aspectos do psiquismo podem começar a funcionar de maneira autônoma e independente do restante. As alucinações, obsessões, delírios e desdobramentos do eu seriam fenômenos oriundos da perda da capacidade de síntese do psiquismo, em que se rompe o modelo

intrap síquico comum, permitindo o surgimento de uma atividade mental inconsciente, isto é, a emergência de determinadas formas de consciência que deveriam permanecer como uma espécie de pano de fundo da consciência habitual (Roudinesco, 1986). Como explicação para que tais fenômenos sejam possíveis, Janet nos diz que o traumatismo e a fraqueza psicológica são os elementos para que eles possam vir a ocorrer. Obviamente, a noção de fraqueza psicológica é fundamentalmente psíquica.

Janet centra sua teoria nas concepções de tensão e força psicológica. Assim, a capacidade de síntese mental é o que garantiria a unidade do eu. As chamadas *formas mentais inferiores* não se limitam aos adoecidos psiquicamente, mas podem ser encontradas em todos os seres humanos, com a diferença de que alguns podem submeter essas formas à consciência livremente. Em condições psicopatológicas, haveria uma clivagem do sujeito, com a disjunção da consciência e a manifestação automática dessas formas mentais inferiores, que deveriam permanecer como pano de fundo da consciência. Aqui vemos um mecanismo funcionando a partir de um modelo de economia psíquica, em que o enfraquecimento da capacidade de síntese coloca o eu em uma exposição passiva a elementos mentais que deveriam estar submetidos ao restante do psiquismo.

Quando a mente é normal, ela apenas cede ao automatismo certos atos inferiores que, se as condições permaneceram as mesmas, podem repetir-se sem problemas. Porém, ela está sempre ativa para, a cada instante da vida, realizar as novas combinações que se tornam incessantemente necessárias para manter-se em equilíbrio com as mudanças do meio. Essa união das duas atividades é, portanto, a condição da liberdade e do progresso. Entretanto, basta a atividade criadora da mente, depois de ter trabalhado no início da vida e acumulado certa quantidade de tendências automáticas, cessar de agir de repente, e descansar antes do fim, para que a mente se torne inteiramente

desequilibrada e entregue sem contrapeso à ação de uma única força (Janet, 1889/2008, p. 313).

Então, o argumento de Janet é o de que o fracasso da capacidade de síntese psíquica, oriundo de traumas e contando com uma hereditariedade marcada por degenerescência (vale lembrar que essas eram as teses da época), possibilita a emergência desses fenômenos psicopatológicos de dissociação psíquica. No artigo de 1894, Freud esclarece as diferenças fundamentais acerca de sua teoria e a de Janet:

De acordo com a teoria de Janet, a divisão da consciência é um traço primário da modificação mental na histeria. É baseada em uma fraqueza inata da capacidade de sínteses psíquicas, na estreiteza do “campo da consciência” (*champ de la conscience*) que, na forma de um estigma psíquico, evidencia a degeneração dos indivíduos histéricos (Freud, 1894/1977, p. 54).

Nesse artigo, Freud argumenta que sua inovação teórica advém da consideração de que o fenômeno da divisão da consciência não derivava de uma degenerescência hereditária, mas, antes, era uma forma secundária que o psiquismo encontrava para reagir a determinados estímulos e, portanto, era adquirida historicamente mediante um ato da própria vontade do paciente. Ele diz, de maneira explícita, que a divisão da consciência deriva de um ato da própria vontade, em que o sujeito toma uma posição efetiva: “a divisão do conteúdo da consciência resulta de um ato voluntário do paciente; ou seja, é iniciado por um esforço da vontade cujo motivo pode ser especificado” (Freud, 1894/1977, pp. 58-59). Na visão de Freud, precisamos considerar esse fenômeno como uma espécie de mecanismo de defesa do sujeito contra o surgimento de algum estado afetivo que seja considerado insuportável por parte do eu: “uma ocorrência de incompatibilidade na sua vida ideativa – isto é, . . . seu eu foi confrontado com uma experiência, uma ideia ou um sentimento que suscitavam um afeto tão aflitivo que o

sujeito decidia esquecê-lo” (Freud, 1894/1977, p. 59). Assim, Freud refuta a ideia de uma passividade frente a este adoecimento ao argumentar acerca de um ímpeto com o qual o sujeito ativamente tenta opor-se a uma determinada condição mental insuportável por parte do seu eu.

Em 1913, durante o congresso internacional de Medicina em Londres, viria a acontecer o maior episódio de desentendimento entre Freud e Janet. Este, em sua palestra— apresentação do relatório na seção de psiquiatria intitulado *La psycho-analyse*, acusa Freud de ter se apropriado, equivocadamente, de suas próprias ideias em torno da noção de “lembrança traumática”, ao mesmo tempo em que acusava Freud de defender teses pansexualistas, e a psicanálise de expressar uma mentalidade vienense. A fala de Janet não foi vista pela plateia com bons olhos, recebeu reação violenta dos psicanalistas ali presentes, notadamente Ernest Jones, que exigiu retratações. Este episódio marca o início do declínio do prestígio de Janet e, por consequência, de sua teoria, na comunidade médica europeia.

A primeira fase de introdução da teoria freudiana na França acontece entre 1895 e 1914 (Roudinesco, 1986). Nesse período já existiam sociedades freudianas consolidadas na maioria dos países da Europa e nos Estados Unidos. Todavia, o ingresso dos conceitos freudianos em solo francês não se deu harmoniosamente, nem sem hiatos. Registra-se uma saga bastante curiosa: a escola suíça de psicanálise, com Jung e Maeder como expoentes principais, levanta-se contra o que chamariam de *atraso histórico* do pensamento francês. O conflito ocorre pela rejeição do território francês à descoberta da sexualidade na gênese das psicopatologias, rejeitando a tese freudiana da *coisa sexual*. Um episódio digno de nota é o desejo de Jung de visitar Paris, para interrogar Janet acerca de sua compreensão da teoria psicanalítica. Em uma carta de junho de 1907, Jung escreve a Freud sobre a intenção de sua viagem, ao que Freud teria respondido:

Suas intenções de viagem a Paris e Londres me mostram, para minha satisfação, que o tempo em que você produzia um trabalho excessivo já passou. Desejo-lhe um complexo parisiense interessante, mas também não gostaria de saber que o complexo vienense foi recalcado pelo outro. O obstáculo com os franceses é, sem dúvida, essencialmente de natureza nacional; a importação na França sempre envolveu dificuldades. Janet é uma inteligência apurada, mas começou sem a sexualidade e agora não pode mais avançar; sabemos que em ciência não existe retomo. Mas certamente você ouvirá muitas coisas bonitas (Freud & Jung, 1907/1974, como citado em Roudinesco, 1986, p. 224).

Freud então anuncia a Jung o seu desejo: Viena não deveria ser recalcada por Paris. Neste momento, aparece a preocupação de Freud com a inclinação de Jung a aceitar a tese de Janet na recusa da etiologia sexual na causa de fenômenos psicopatológicos. Nessa frase expressa-se a repetição do mal-entendido, desde a época de Charcot, em que Freud utiliza a situação de Jung para exemplificar o próprio conflito histórico entre Viena e Zurique, enquanto Zurique era como Paris no que se refere à receptividade da teoria psicanalítica. Todavia, Freud podia descansar: Jung não estava disposto a engajar uma parceira com Janet. Ao retornar de seu encontro com Pierre Janet, Jung escreve a Freud:

Minhas experiências são pobres. Falei com Janet e fiquei muito desapontado. Ele só tem conhecimentos inteiramente primitivos sobre a demência precoce. Das coisas mais recentes, inclusive o senhor, não entende absolutamente nada. Está enterrado em seus esquemas e, diga-se de passagem, ele é apenas uma inteligência, e não uma personalidade, um interlocutor chato e o tipo do burguês medíocre. Uma piada de péssimo gosto: o esplendor do tratamento por isolamento feito por Déjerine na *Salpêtrière*. Tudo isso me causou uma impressão indizivelmente pueril, e o menos pueril não é a bruma das alturas que enevoa todas as cabeças daquela clínica. Essa gente

está cinquenta anos atrasada! Isso me deu nos nervos, de modo que renunciei a Londres, onde há ainda bem menos a procurar. Em vez disso, dediquei-me aos castelos do Loire. Logo, não há nenhum complexo parisiense em jogo (Freud & Jung, 1907/1974, como citado em Roudinesco, 1986, p. 224).

Nessa carta, Jung retrata fidedignamente o atraso francês. O quadro da *Salpêtrière* estava realmente espantoso, se comparado a vinte e dois anos antes, na época de Freud. O mestre vienense descansa com a atitude de seu discípulo, mas o ano seguinte traria alguns conflitos entre Zurique e Viena. Em 1908, Alfred Binet encomenda de Jung um artigo sobre a técnica da interpretação dos sonhos para apresentar ao público francês (Roudinesco, 1986). O artigo é publicado em 1909, na *L'Année Psychologique*. Jung apresenta uma análise de um sonho com base freudiana, mas com referências à associação de palavras do teste de Zurique. Nesse trabalho, ele não comenta sobre as relações entre o sonho e a sexualidade, embora analise o mecanismo do recalque, todavia deixando de lado o conteúdo sexual do recalque. Freud teria recebido o artigo com um único comentário: “é um presente-surpresa”, agradecendo a Jung (Roudinesco, 1986). A equipe editorial da *L'Année Psychologique*, depois de publicar o artigo de Jung, volta-se para Maeder na intenção de continuar a difusão da teoria psicanalítica na França. A estratégia do suíço parece ter tido consequências perturbadoras para o movimento psicanalítico que desejava Freud. Maeder combate a ideia do atraso latino ao afirmar que

A França era o "país mais bem preparado" para compreender a psicanálise, por ser a "terra clássica do ponto de vista psicológico em medicina". Não sem uma certa dose de hipocrisia, o autor sublinhou que Freud ampliara as "belas pesquisas da escola francesa (Azam, Binet, Féré, Guinon, Janet), estudando as formas rudimentares da dissociação". Depois de relembrar uma concepção da dissociação mais próxima de Jung que de Freud, fez um histórico sumário da histeria e do recalque. Em seguida, comparou

o inconsciente dinâmico freudiano com o subconsciente estático de Janet, sem tomar partido por nenhuma das doutrinas e sem insistir em seus antagonismos. Assinalou a contribuição da psicanálise no campo das psicoses e reafirmou o caráter lúdico do sonho. O elemento mais sintomático desse artigo destinado à França residiu no fato de que ele não continha nenhuma alusão à sexualidade e silenciou sobre qualquer referência à libido. Falou da histeria em termos de norma e patologia. Situou o recalçamento em relação ao conceito janetiano de estreitamento da consciência, não disse uma única palavra sobre a transferência e enunciou que o sonho continha "a realização mais ou menos oculta de um desejo inconsciente" (Roudinesco, 1986, p. 226).

Aqui estava realizada a "higienização" da psicanálise para um território hostil aos seus fundamentos primordiais. A partir das ideias de Maeder, a escola francesa estava apta a considerar Freud um legítimo herdeiro de Janet. E assim a escola suíça transforma-se em uma espécie de filtro dos conceitos freudianos para que estes pudessem vir a penetrar na França. Todavia, um duplo movimento ocorria na escola francesa: se, por um lado, utilizavam as colocações de Jung e Maeder para aceitar, deturpadamente, as ideias freudianas, por outro, de uma forma retroativa, criticaram as teses suíças por algumas similaridades com a escola vienense. Assim, estavam protegidos do suposto pansexualismo em Freud.

Roudinesco (1986) aponta que uma sequência de quatro artigos, escritos por Pierre Ernest René Morichau-Beauchant, recoloca a teoria psicanalítica de uma outra forma no território francês. Freud reconhece o trabalho do médico com alegria, alegando que finalmente alguém o havia compreendido e aderido à causa verdadeiramente. O trabalho de tradução de Morichau-Beauchant é realmente primoroso (Roudinesco, 1986). Dedicase à tentativa de traduzir um dos conceitos fundamentais da psicanálise – a transferência (*Übertragung*) – para

a língua francesa. Indica que esse conceito teria como tradução mais precisa a palavra *report* (transporte) ao invés de *rapport* (relação), indicando que, de acordo com a teoria de Freud, faria mais sentido falar em *transporte* afetivo do que *relação* afetiva. Apesar de sua contribuição memorável ao desenvolvimento da psicanálise na França, o médico Morichau-Beauchant questiona, gradualmente, as teses freudianas até chegar ao momento em que, no seu último artigo publicado em vida, *Les troubles de l'instinct sexuel* (1912), ele se ancora nas referências suíças para equivaler o epilético ao delinquente.

É em 1914 que encontraremos Angelo Hesnard e Emmanuel Régis como expoentes pioneiros da psicanálise freudiana em território francês (Roudinesco, 1986). Nesse ano, publicam *La psychanalyse des nevroses et de psychoses*. Em 1915, lançam um artigo intitulado *La doctrine de Freud et de son école* na revista *L'Encéphale*. Neles encontramos o reconhecimento da psicanálise como uma disciplina e técnica nova e original. Por meio desses autores, o freudismo se amalgamaria com o janetismo a partir de uma estranha conceituação.

A principal característica dessa nova formação foi a manutenção do inconsciente freudiano sob a categoria de uma consciência "neocartesiana" e a rejeição do pansexualismo em benefício da latinidade. Essa palavra não pertencia estritamente ao vocabulário janetiano e fez sua aparição nos primeiros textos de Hesnard (Roudinesco, 1986, p. 259).

O artigo de 1915 lançou uma empreitada ambígua: por um lado, temos uma utilização mais precisa, porém simplificada, da teoria freudiana; em contrapartida, Hesnard e Régis acusam Freud de um obscurantismo característico da língua germânica que colocaria obstáculos à difusão da psicanálise em países de língua latina, como a França. Ao fazerem isso, tomam para si o estandarte de difundir a psicanálise de forma mais leve e harmoniosa. A obra

termina com uma crítica contundente a Freud, que passa a ser acusado de ter legado à psicanálise um teor de misticismo.

Os anos entre 1927 e 1929 marcariam o trabalho de Hesnard com o que podemos chamar de *tentativa frustrada de conciliar o inconciliável* (Roudinesco, 1986). Nesse período, ele publica dois artigos na *Revue Française de Psychanalyse* sobre a obra de Janet. Trata-se de trabalhos que visavam a diluir algumas divergências aparentes entre Freud e Janet. Aparentes, pois Hesnard argumenta que, embora tenham usado vocabulários e métodos diferentes, chegaram a conclusões com resultados semelhantes. Em 1927, Hesnard diz que a única diferença irreconciliável entre Freud e Janet tratava da concepção acerca da sexualidade. Ao defender essa ideia, Hesnard corrobora com ideias contrárias ao próprio movimento psicanalítico, a saber: Freud seria, de fato, um continuador da doutrina janetiana.

Mas como Freud poderia ser o herdeiro de Janet se sua teoria discordava em cem por cento da descrição fundamental do automatismo psíquico? Se a sexualidade era a origem dos fenômenos psicopatológicos, parece uma contradição incontornável tentar aproximar os dois, Freud e Janet, por tratar-se de doutrinas que se contradiziam fundamentalmente.

O raciocínio de Hesnard não pode ser explicado a partir de uma suposta ingenuidade acerca das teorias de ambos. Ao contrário: tratava-se de política! “Hesnard só podia admitir a doutrina vienense ao preço de torná-la conforme os ideais do janetismo” (Roudinesco, 1986, p. 264). De fato, o pioneiro estava disposto a fazer as concessões que o próprio Freud não era capaz de fazer para que a psicanálise avançasse dentro da França. Assim, percebemos que não podemos desconsiderar que Hesnard mereça, de fato, o crédito por ter facilitado sobremaneira a difusão da psicanálise na França, mas é sempre preciso acrescentar que sua atuação acabou por difundir, em territórios franceses, um freudismo desprovido de suas concepções essenciais, isto é, na escrita de Hesnard, “a sexualidade era um lobisomem enganador” (Roudinesco, 1986,

p. 272). Apesar da grande erudição, seus escritos serviam mais a uma espécie de ecletismo do que ao rigor científico preconizado por Freud.

Considerações Finais

A partir do método de revisão de fontes bibliográficas relacionadas à história da psicanálise, este trabalho buscou revisitar historicamente o processo de difusão da psicanálise em território francês. Como vimos, este não se deu harmonicamente, nem sem hiatos e resistências. Cronologicamente, uma das primeiras explicações para a demora da chegada da psicanálise na França deve-se à forte presença de Pierre Janet como médico na *Salpêtrière*. Janet defende sua tese sobre o automatismo psíquico em 1889, para, em 1894, substituir Charcot devido ao seu falecimento em 1893 (Roudinesco, 1986). A integração de Janet ao quadro da *Salpêtrière* confere notório prestígio e reconhecimento de suas ideias em território francês, fazendo com que as oposições e resistências que vociferava ao pensamento freudiano desacreditassem da psicanálise em sua teoria e técnicas próprias no sistema médico da França (Sédat, 2011).

Janet defendia que as formas mentais inferiores derivavam de uma *seconde conscience*, processo primário que, em quadros psicopatológicos como a histeria, tomava o sujeito à deriva de sua vontade. Ao contrário, Freud argumentava que o processo de desenvolvimento da histeria devia-se a um ato da própria vontade do sujeito, portanto, a partir de um processo secundário. No entanto, os conflitos entre Freud e Janet não se davam apenas a partir de teorias, mas, paralelamente, a partir do que podemos chamar de um certo “espírito latino”, isto é, a convicção de que a latinidade era garantia de uma compreensão “natural”, racional, clara e precisa da psicologia humana, conferindo, assim, base para toda a constituição de uma tradição psiquiátrica hierarquizada, autoritária e dogmática, ainda que a sua visão fosse progressista (Roudinesco, 1986).

Alfred Binet encomenda a Jung, em 1908, um artigo acerca da interpretação dos sonhos. O artigo é publicado em 1909, na *L'Année Psychologique*. Nesse trabalho, Jung furta-se à discussão acerca do conteúdo sexual da vida onírica. Isso parece ter consequências para a continuidade da difusão da psicanálise na França: no ano seguinte, Maeder argumenta, na mesma revista, que Freud seria um continuador das ideias de Janet. Maeder aproxima o inconsciente dinâmico de Freud ao subconsciente estático de Janet, bem como permanece silenciando a discussão acerca da teoria da sexualidade e da libido. Dessa forma, a escola suíça acaba por comportar-se, neste período, como uma espécie de “filtro” dos conceitos freudianos para que a psicanálise pudesse avançar na França.

Será a partir do trabalho de tradução de Morichau-Beauchant que a teoria psicanalítica encontrará um espaço, na visão de Freud, mais interessante em território francês. A tradução de *Übertragung* para *Report* recoloca um dos conceitos fundamentais da psicanálise – a transferência – de forma a fazer Freud sentir-se contente (Roudinesco, 1986). No entanto, Morichau-Beauchant questiona, gradualmente, as teses freudianas, ancorando-se na escola suíça para fazer equivaler o epiléptico ao delinquente.

Em 1914 e 1915, Angelo Hesnard e Emmanuel Régis tomam para si a tarefa de difundir a psicanálise na França (Roudinesco, 1986). No entanto, o processo permanece marcado pela ambiguidade: se, por um lado, temos uma utilização simplificada, mas mais precisa, da teoria freudiana, por outro, ambos acusam Freud de obscurantismo característico da língua germânica, defendendo que isso trazia constantes problemas para compreensão da psicanálise em territórios de língua latina, como a França. Entre 1927 e 1929, encontramos Hesnard tentando conciliar as teses janetianas com a psicanálise (Roudinesco, 1986). O trabalho desse autor resulta no entendimento de que Freud seria, então, um continuador do pensamento de Janet. Por um lado, sua obra precipita a aceitação da psicanálise na França, mas, por outro, na

escrita de Hesnard encontramos uma psicanálise desprovida, enfim, de sua fundamentação essencial: a sexualidade.

Referências

- Costa, B. H. R., & Khupfer, M. C. M. (2016). Freud e sua relação com o saber. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(2), 71–83. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200007&lng=pt&tlng=pt
- Ellenberger, H. (1970). *The discovery of the unconscious: The history and evolution of dynamic psychiatry*. Basic Books. <https://doi.org/10.1192/S0007125000060815>
- Freud, S. (1977). Charcot. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 3, pp. 19–36). Imago. (Original publicado em 1893).
- Freud, S. (1977). As neuropsicoses de defesa. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 3, pp. 55–84). Imago. (Original publicado em 1894).
- Freud, S. (1977). Um Estudo Autobiográfico. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira* (Vol. 16, pp. 65–149). Companhia das Letras. (Original publicado em 1925).
- Freud, S. (1986). Carta de 21 de setembro de 1897. In J. M. Masson (Ed.), *Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (pp. 265–268). Imago. (Original publicado em 1897).
- Janet, P. (2008). O automatismo psicológico: Ensaio de psicologia experimental sobre as formas inferiores da atividade humana. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(2), 310–314. (Original publicado em 1889). Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/FJ8fg7J5MLvKkdz4Lhf7WXh/?lang=pt>
- Roudinesco, E. (1986). *História da Psicanálise na França: A Batalha dos Cem Anos Volume I (1885-1939)*. Jorge Zahar.

Sédat, J. (2011). La réception de Freud em France durant la première moitié du XX siècle: le freudisme à l'épreuve de l'esprit latin. *Topique*, (115), 51–68.
<https://doi.org/10.3917/top.115.0051>